

VIOLÊNCIA RACIAL, VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Manoela dos Santos Barbosa¹

Resumo: Esta pesquisa investiga as peculiaridades do projeto estético-literário da escritora Conceição Evaristo, que questiona as diferentes formas de violências a que estão submetidas às mulheres negras. Como recorte, exploraremos as representações étnico-raciais e de gênero na antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011). Neste estudo, observarei as contribuições da autora para perceber as dinâmicas das opressões de gênero e raça, buscando elucidar o lugar sócio-cultural que a autora se insere para a produção da sua textualidade, visando compreender de que maneira evidenciam-se, a partir da sua obra ficcional as questões que dizem respeito às violências - de gênero, física e racial - e de que modo estas opressões culminam nas expressões de violência doméstica e familiar contra mulheres negras, bem como compreender de que forma a literatura pode configurar-se como espaço discursivo para problematizar/politizar questões provenientes do cotidiano. Metodologicamente, usaremos as perspectivas feministas de bell hooks, Sueli Carneiro e Ângela Davis, dos documentos legislativos no que diz respeito ao enfrentamento à violência contra a mulher, e ainda, conceitos de violência doméstica de Constância Lima Duarte, Heleieth Saffioti, Lia Zanotta Machado e Eva Blay, que ressaltam o quanto este tipo de violência deve ser combatido por meio de políticas públicas.

Palavras-chave: Gênero. Violências. Literatura. Crítica cultural.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, com título provisório: “Violência de gênero, violência racial na obra de Conceição Evaristo”, parte primeiramente das minhas inquietações enquanto ser social ao observar, por exemplo, as questões relativas à violência contra a mulher, mas, sobretudo, da minha percepção e vivência enquanto mulher e negra consciente das especificidades que marcam a minha trajetória e das minhas iguais a partir de uma sociedade marcadamente discriminatória, sexista e misógina.

Levada, inicialmente, pelas motivações pessoais busquei enveredar minhas escolhas profissionais/acadêmicas por caminhos que me conduzissem a refletir sobre tais questões, a saber, a violência contra a mulher e mais precisamente as mulheres negras.

Somam-se a estas indagações o contato com projeto literário, da escritora Conceição Evaristo presente nos *Cadernos Negros*¹, sendo surpreendida pela sua maneira de escrever as mulheres negras, rompendo com estereótipos, homogeneidades, invisibilidades, sensualidade acentuada comumente destinadas às mulheres afro-brasileiras, no que tange a boa parte da produção literária brasileira e posteriormente, o interesse em aprofundar/mergulhar nos estudos provenientes, pela ficção realista impressa em sua prosa contemporânea e ainda, pela forma de escrever da autora em questão descrita pela mesma como uma *escrevivência* - escrever a existência. Segundo Evaristo: “Foi daí, talvez, que eu descobri a função, urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É

¹ Mestranda em Crítica Cultural – UNEB/Campus II. E-mail: manoellasbarbosa@hotmail.com.

preciso comprometer a vida com a existência ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida? ” (Evaristo, 2007).

Desse modo, esta pesquisa visa investigar a proposta literária da escritora, e para tal investida, nos apoiaremos na antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres* (Nandyala, 2011), onde reúne treze contos, todos protagonizados por mulheres negras e costurados pela voz narradora-ouvinte da autora atentando para as marcas da violência doméstica e familiar.

Esta pesquisa apresenta-se relevante na medida em que vem havendo investidas do Estado, através de políticas específicas com o intuito de minimizar os efeitos do sexismo, do racismo e das discriminações, as quais ainda marcam as trajetórias das mulheres neste país.

Assim sendo, os interesses e objetivos dessa pesquisa relacionam-se com a abordagem da crítica cultural, à medida que interroga o cânone literário, propondo uma discussão que visa averiguar qual o compromisso que a literatura deve ter com os discursos reais? De que maneira a literatura pode colaborar e\ou contribuir para mediar conflitos, estabelecer novos conceitos ou até mesmo fortalecer “velhos” e surrados estereótipos? De que modo a produção literária pode contribuir para denunciar violência contra a mulher introjetada no convívio social? De que modo a literatura pode corroborar para politizar estas feridas?

CONTEXTUALIZANDO A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO BRASIL: ARTICULANDO GÊNERO E RAÇA

A violência contra a mulher é um problema mundial e antigo. Entende-se como violência, “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada.” (Protegendo as mulheres contra a violência doméstica, 2006, p. 1).

Ao longo dos anos temos observado inúmeros casos de agressões, brutalidades e extremismos protagonizados pela herança do patriarcado². Tem sido cada vez mais comum ouvirmos, presenciarmos ou termos notícias sobre violências, principalmente, no que diz respeito à mulher. O fato é que muitas são violentadas apenas por ser mulher, o que nos leva a observar que essas severidades estão ligadas ao machismo e seus desdobramentos.

Os valores machistas ainda predominam padronizando comportamentos, reforçando estereótipos, que se configuram como o sexismo, a misoginia, contribuindo para a exploração, subordinação, dependência que se desdobram nas mais variadas formas de violência contra a mulher.

A violência contra a mulher pode se manifestar de várias formas - violência de gênero, violência familiar, violência sexual, violência psicológica, violência doméstica, violência física, violência econômica, ou ainda, violência institucional - e com os mais distintos graus de perversidade. Estas formas de violência não se produzem isoladamente, mas fazem parte de uma sequência crescente de episódios, do qual o feminicídio³ vem a ser a manifestação mais extrema.

Segato (2006) sinaliza:

Desmascarar o patriarcado como uma instituição que se baseia no controle do corpo e capacidade punitiva às mulheres, e mostrar a dimensão política dos assassinatos de mulheres são de tal controle e capacidade punitiva, sem exceção. A relevância estratégica da politização de todos os assassinatos de mulheres a este respeito é clara, uma vez que salienta que resultam de um sistema em que o poder e o masculino são sinônimos e permeiam a atmosfera social de misoginia: ódio e desprezo para o corpo feminino e os atributos associados com a feminilidade.

Assim sendo, discutir sobre a construção de discursos que conferem às mulheres lugares subalternizados, e de que maneira nossa sociedade culturalmente institui as esferas de poder, destinando a determinados corpos a legitimação das práticas de violência.

Apesar de determinados avanços, a exemplo da Lei 11.340/2006⁴ como explicar as injustiças, o aumento de agressões e nos casos mais extremos, as mortes de tantas mulheres? Parece que há uma rotinização destas violências no nosso convívio. É curioso quando nos perguntamos, por exemplo, onde estão os talhos, as rasuras, as dores, a solidão, as brutalidades dessas ocorrências no contexto social? Como evidenciar, romper, contribuir para que tais marcas introjetadas na vida dessas mulheres, a fim de contribuir para que “os gritos” dessas vozes sejam escutadas?

Tomada a dimensão da violência contra a mulher, e atribuindo um olhar direcionado a interseccionalidade entre gênero e raça, percebe-se que aumenta ainda mais o fosso e as desigualdades ficam mais latentes.

Refletir sobre esta ponderação é permitir através do processo histórico e sócio-cultural entender, por exemplo, como as divisões sexuais, fortaleceram/fortalecem estigmas, ideia de superioridade e dominações dos homens em relação às mulheres. De que maneira estas interações combinam-se nas mais distintas formas de opressões sobre as mulheres? E, adentrando, a perspectiva etnicorracial podemos ajuizar sobre as explorações vivenciadas pelas mulheres negras, desde o período escravagista, à medida que passavam por todas as formas de violações (sexuais, financeiras, educacionais, simbólicas, existenciais...), e a atribuição destas a aptidão “inata” ao trabalho servil e/ou doméstico.

Bell hooks observa que:

A abolição da escravidão teve pouco impacto positivo sobre as relações entre mulheres brancas e negras. Sem a estrutura escravocrata que institucionalizavam de modo fundamental as diferenças entre brancas e negras, as brancas passaram a querer ainda mais que os tabus sociais promovessem sua superioridade racial e proibissem as relações legalizadas entre as raças. A participação delas foi essencial para perpetuar os estereótipos degradantes sobre a feminilidade negra. Muitos desses estereótipos reforçavam a noção de que as negras eram lascivas, imorais, sexualmente licenciosas e carentes de inteligência. (HOOKS, 2013, p. 132)

Desse modo, percebemos um “novo” arranjo social em um contexto completamente desumanizador e quando avaliamos os dias atuais percebemos que estas aniquilações reverberam ainda hoje, estabelecidas a partir das diferenças observadas entre os binômios, homens/mulheres, negras/brancas através das práticas de privilégios e exclusões, a exemplo da objetificação e coisificação dos seus corpos e nas mais distintas formas de abusos subtraindo-as de direitos enquanto pessoas, e, comumente ganham reforços institucionais e midiático.

Segundo, sinaliza Hanchard (2001, p. 153), “a posição da mulher afro-brasileira na sociedade brasileira, tal como a situação das mulheres de origem africana noutros lugares, é basicamente pautada na relação tridimensional entre raça, classe e sexo”.

Embora, no que diz respeito às tensões provocadas pelo machismo, por exemplo, “as afro-brasileiras depararam com dificuldades semelhantes junto às feministas brancas” (Hanchard, 2001, p. 154), semelhanças estas, que logo se dissiparam a medida que “se confrontaram e examinaram suas respectivas questões” tomando assim, consciência de que existiam especificidades do ser mulher negra que a pauta feminista, de modo geral, não dão conta.

Nesse período, surgiram instituições com preocupações que demonstravam atenção as causas e direitos das mulheres negras, na sociedade brasileira. Primeiramente surgiram na década de 80 e começo de 90, no eixo São Paulo e Rio de Janeiro, a exemplo do Gelédes⁶ e do Criola, respectivamente. Estes institutos contribuíram também para que outros semelhantes surgissem em outras cidades do Brasil. Ainda hoje, servem de referência, por contribuírem de modo significativo, agenciando e pautando demandas pertinentes às mulheres afro-brasileiras na sociedade civil.

Entender, as especificidades da violência contra as mulheres negras, é também

questionar o Estado entendendo-o como aquele que contribui para que as discriminações, os preconceitos e o sexismo, se perpetuem quando se observa, por exemplo, a demora em garantir um olhar atento a estas demandas, que assegurassem através de políticas públicas específicas, a reversão do quadro atual de desigualdades.

Assim, os movimentos feministas e de mulheres negras vem ao longo dos anos questionando e cobrando do Estado atenção devida no que tange a estas questões, no intuito de suprir esta lacuna,

possibilitando através de reflexões, estudos e dados que contribuam para compreender estes fenômenos e erradicá-los do nosso convívio, com a finalidade de proporcionar uma sociedade menos injusta e desigual para todas as pessoas.

COMPROMETIMENTO ETNICORRACIAL E DE GÊNERO NA TEXTUALIDADE DE CONCEIÇÃO EVARISTO

É sabido que, ao longo da história, as mulheres sempre foram subjugadas, oprimidas, excluídas e, quando somamos a estas opressões as questões referentes a gênero e raça observa-se que as mulheres negras passam por múltiplas segregações.

A estas mulheres há muito tempo destinam-se comumente estereótipos que vão desde a sexualizada, sensualizada, marginalizada, entre outros atribuídos através de um olhar homogeneizante e brutal sobre seus corpos e identidade. Este tipo de “olhar” é um dos caminhos pelos quais nega-se a estas mulheres suas identidades, suas particularidades e, principalmente, seus direitos enquanto cidadãs.

Estas noções de estereótipos permanecem estigmatizando e marcando esta parcela significativa da população brasileira e corrobora para fortalecimento dos preconceitos, direcionando a estas mulheres a validade das práticas de violências – institucionais simbólicas⁸ e físicas.

Conforme nos alerta Castro e Rocha (2006, p. 12):

ampliar a atenção às mulheres negras em situação de violência é romper com uma visão estreita de que as outras formas de violência não influem na qualidade de vida, na auto-estima e na redução dos danos causados à mulher e multiplicar as estratégias vitoriosas das mulheres no combate a violência contra a mulher, em especial as mulheres negras, atuando também nas outras causas que violam os seus direitos e que reproduzem com maior ênfase a violência contra elas.

As políticas de enfrentamento à violência contra a mulher no Brasil é em certa medida um avanço. O reconhecimento deste tipo de violência traz à tona e de certo modo ao centro da agenda pública as demandas dos mais distintos grupos de mulheres e dos feminismos. A demarcação de gênero e raça, como fator importante vem à tona exatamente pelos questionamentos dos mais distintos grupos e movimentos de mulheres negras.

Reivindicando desse modo ações efetivas que combinam para sua inserção na promoção de políticas mais eficazes, e capazes de abarcar as demandas dos feminismos. Considerar o termo *feminismos* é compreender que embora as questões pertinentes as mulheres estejam na pauta pública, reconhecemos que a universalidade da problemática deixa à margem e/ou silenciadas tantas outras formas de se experienciar as multideterminações da categoria gênero, haja vista a diversidade

em que estamos inseridos. Isto se dá não por exclusividade, mas por inserção e devida atenção as peculiaridades.

Sueli Carneiro (2001, p. 2) nos convoca a enegrecer nossos feminismos, conforme discorre:

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.

As contribuições de Sueli Carneiro são primordiais para empreender através da história as dinâmicas das relações de gênero. Este posicionamento contribui teoricamente para viabilizar ampliação das reflexões e empoderamento das mulheres negras, encorajando-as a contribuir para que mudanças efetivas possam reverter à lógica vigente.

Sueli Carneiro (2001, p. 2) faz alusão ainda à ideia de democracia racial vigente, que podem ser percebidas ainda hoje. Sobre isto ela afirma:

Fazemos parte de um contingente de mulheres ignoradas pelo sistema de saúde na sua especialidade, porque o mito da democracia racial presente em todas nós torna desnecessário o registro da cor dos pacientes nos formulários da rede pública, informação que seria indispensável para avaliarmos as condições de saúde das mulheres negras no Brasil, pois sabemos, por dados de outros países, que as mulheres brancas e negras apresentam diferenças significativas em termos de saúde.

O alerta de Sueli Carneiro (2001), bem como de outras feministas – como Lélia Gonzales, Angela Davis, Luiza Bairros, bell hooks e outras, que abarcam, além das questões de gênero, também a identidade racial como caminho para uma perspectiva que combata não apenas as opressões de gênero, mas também de raça. Para esta autora, “essa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira.” (Carneiro, 2001, p. 2).

É nessa perspectiva que Conceição Evaristo consciente das opressões tanto de raça, quanto de gênero possibilitando a partir da sua produção ficcionista pautada em discussões relevantes sobre a realidade, sinalizando que a literatura também pode cooperar para intervir, problematizar e, sobretudo, agenciar novas reflexões.

É desse modo que Conceição Evaristo se apresenta através do seu projeto literário, investindo em discursos que extrapolam o campo hegemônico, eurocêntrico e patriarcal, em que marca(m) e, em certa medida, ainda marca(m) o cânone literário brasileiro⁸, contribuindo de maneira significativa através da sua produção literária à medida que vem pautando discussões que permeiam nosso cotidiano opressivo.

Assim, a autora propõe inserções respaldadas na diversidade, na pluralidade dos discursos e, principalmente, na inscrição de personagens negras que aparecem-nos sob novas perspectivas de representação.

A autora, em um dos seus ensaios, afirma a sua proposta literária:

Se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2007, p. 54)

A voz da autora compartilha com as personagens sob uma nova perspectiva, tanto na sua prosa, quanto nos romances e poesias, as personagens são emancipadas e conscientes de suas escolhas pessoais, intelectuais, escolarizadas, bem sucedidas nas suas escolhas profissionais, apresentando, desse modo, um novo panorama do ponto de vista da representação, através de uma literatura cujo caráter é eminentemente político.

A autora afirma a esse respeito:

[...] na escre(vivência) das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas.” (EVARISTO, 2007, p. 54)

O posicionamento da autora sinaliza o seu empenho em manifestar uma escrita que configura o lugar sócio-cultural em que se insere para apresentar-nos novas representações literárias que configura o lugar sócio-cultural e, assim, posicionando-se enquanto mulher negra na sua textualidade. Conforme:

Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. Nesse sentido, vários textos se tornam exemplares, como os de: Geni Guimarães, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Lia Vieira, Celinha, Roseli Nascimento, Ana Cruz, Mãe Beata de Iemonjá dentre outras. Há ainda que se recordar da primeira romancista abolicionista brasileira, Maria

Firmina dos Reis, com a publicação de *Úrsula*, em 1859. Não se pode esquecer, jamais, o movimento executado pelas mãos catadoras de papel, as de Carolina Maria de Jesus que, audaciosamente reciclando a miséria de seu cotidiano, inventaram para si um desconcertante papel de escritora. (Evaristo, 2007, p. 54)

Conceição Evaristo escritora de voz coletiva, consciente e atenta as dimensões da interseccionalidade das opressões de gênero e raça se propõe, desse modo, a discutir e problematizar como apresentar uma literatura comprometida com o universo feminino negro, e, sobretudo, busca questionar o dever e comprometimento que a literatura deve ter com a realidade e a inclusão.

Corroborando com este posicionamento, Norma Telles (1992) salienta que “as imagens literárias não são neutras; são, ao contrário, um guia, um mapa para a realidade que nos ajuda a perceber “o mundo real”. É, nesse sentido, que reitero as contribuições significativas de Evaristo e a devida atenção que a mesma dá a realidades que até então estavam fora dos discursos literários de alguma maneira.

Nessa linha, é válido salientar a importância de pensar criticamente a visão homogeneizante, ressaltando a necessidade de questionar os padrões canônicos e pré-estabelecidos a partir de um único padrão cultural e a inserção de especificidades, a exemplo, das questões sociais de gênero e do feminismo. Assim, “[...] o objetivo dos discursos pós-coloniais e do feminismo é a integração da mulher marginalizada à sociedade” (BONNICI, 2012, p. 25).

Em conformidade as ponderações de Thomas Bonnici, Nelly Richard em *A escrita tem sexo* (2002) diz que é preciso pensar sobre a importância “de perguntas e de reflexões, em torno dos temas mulher, escrita e poder”, “[...], pensar a partir de uma margem, a partir de um limite de infração que assumiu a marca do gênero sexual como local de desafio e questionamento das hegemonias discursivas” (RICHARD, 2002, p. 127).

Faz-se necessário trazer a escrita como uma estratégia para reescrita, releituras, possibilitando trazer a baila questões que permeiam o universo feminino, atribuindo um olhar crítico e denunciador, a fim de corroborar para que os anseios, discursos e demandas do feminino e dos feminismos sejam agenciados também através da literatura.

Em relação a isto, Bonnici acrescenta:

Além disso, teóricos brasileiros começaram a (re)debruçar sobre os problemas indigenistas e da construção nacional, da escravidão e das raízes africanas, da etnicidade e do racismo, da (in)dependência literária, do cânone literário, da nacionalidade e cidadania, do binômio exclusão-inclusão, do feminismo branco e negro, da miscigenação, do hibridismo, da identidade brasileira e da resistência (BONNICI, 2002, p. 321).

Nesse momento, é válido voltar-se para questões oportunas sobre identidade, e entender como esses assuntos se tornam relevantes, inclusive, para repensar os lugares e falas direcionadas a

determinados grupos e/ou pessoas. A possibilidade da reescrita, a inserção de novos paradigmas, de novas abordagens, sobretudo, aos grupos até então silenciados, excluídos e escamoteados por uma visão canônica e singularizada que não traduz a diversidade identificada no Brasil.

É nessa ruptura com o discurso homogêneo e unilateral que os estudos sobre a literatura ganham “cor e sexo”. E nessa direção é que a obra de Conceição Evaristo, se coloca como um rasgo no cânone literário brasileiro, propondo novas leituras literárias, novas possibilidades de diálogos com o social e modos de vida, sobre os quais os textos ficcionais vem conquistando um foco de discurso.

É importante que as mais distintas linguagens, a exemplo da narrativa produzida por Conceição Evaristo, quando traz à tona personagens cujas representações situam questões cotidianas contribuindo, desse modo, para politizar identidades femininas e negras.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Não são apenas as mulheres negras que sofrem com a violência, mas em grande maioria são as mais atingidas por estas brutalidades. Atribuindo um olhar preciso a dimensão racial, pode-se traçar de maneira efetiva o retrato da violência doméstica e familiar e facultar o entendimento de como essas formas de violências agridem de maneira diferenciada as mulheres negras e, assim favorecer medidas capazes de converter as iniquidades em dignidade e reconhecimento das injustiças sociais a que são acometidas.

Há de ser observada ainda, a violência contra a mulher diluída a partir do gênero, que ao incorporar a questão racial, tornam-se incipientes para traçar um diagnóstico preciso do quadro da violência contra as mulheres negras, especificamente.

Assim, observar estas questões é possibilitar o entendimento entre as formas de dominações e subordinações as quais determinados grupos são submetidos e evidenciar as formas desiguais de exercício de poder, que por vezes, se revelam assimétricos.

Deste modo, os movimentos feministas e de mulheres negras vem ao longo dos anos questionando e cobrando do Estado atenção devida no que tange a essas questões, no intuito de suprir esta lacuna, possibilitando através de reflexões, estudos e dados que contribuam para compreender estes fenômenos e erradicá-los do nosso convívio, com a finalidade de proporcionar uma sociedade menos injusta e desigual para todas as pessoas.

Embora existam alguns avanços, ressaltamos que muitas perspectivas de mudanças são tomadas a partir do referencial de gênero direcionado ao “feminismo universal” e definidas sem levar em conta as particularidades e pluralidade do ser mulher. Dessa forma, adotada as representações raciais que identificamos no país, as lacunas ficam aparentes e a limitação de dados que possibilitem compreender este fenômeno a partir da leitura racial ficam dificultadas e muitas vezes, invisibilizadas.

As opressões apresentam-se de maneiras distintas e, vale o entendimento de Constância Lima Duarte sobre a questão da violência quando reflete sobre a *dominação simbólica*, de Pierre Bourdieu conforme:

Nunca concordei inteiramente com a afirmação de Bourdieu, de que a violência simbólica se ‘constrói através de um poder não nomeado’, que ‘dissimula as relações de força’. Ora, tal poder tem nome, e ele é machismo. E as relações de poder, do macho sobre a fêmea, estão bem visíveis nas relações sociais de gênero. Também questiono sua explicação simplista de que a dominação masculina se perpetua porque as mulheres naturalmente a aceitam. Ao invés de buscar a explicação da conduta agressiva no próprio agressor, e o porquê das categorias sociais estarem tão assimiladas ao masculino, parece mais fácil vitimizar, mais uma vez, a vítima. (DUARTE, 2010, p. 1).

Assim, a textualidade de Conceição Evaristo, traz a violência como um tema recorrente tanto na prosa quanto na poesia; podemos observar o quanto esta temática se faz presente ao nos debruçarmos sobre outros contos presentes na antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a exemplo de “Rose dos Reis”, “Nalatina Soledad”, “Lia Gabriel” (e demais), quanto em suas produções nos Cadernos Negros como: “Duzu-Querença” (1993), “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos” (2007), dentre outros. “Ana Davenga” (1998) presente na edição melhores contos, por exemplo, é onde as expressões de violência chegam ao ápice com a assassinato/morte da protagonista.

Observa-se, sensivelmente, também na sua lírica a presença dessas dores, adversidades e brutalidades, como no poema em homenagem a memória de Maria Beatriz do Nascimento⁹:

A noite não adormece nos olhos das mulheres

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.
A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.
A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginias aberta

retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.
A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.
(EVARISTO, 2008, p. 21)

Evaristo é uma escritora de voz coletiva, que propõe releituras do cotidiano a partir das suas obras ficcionais, poemas, romances, evidenciando, o caráter político e o comprometimento etnicorracial e de gênero em seus escritos.

No que concerne à prosa, Constância Lima Duarte (2010, p. 6) acena:

Assim, as narrativas de Conceição Evaristo parecem conter a expressão de um novo paradigma.[...] Escrita de dentro (e fora) do espaço marginalizado, a obra é contaminada da angústia coletiva, testemunha a banalização do mal, da morte, a opressão de classe, gênero e etnia. E ainda se faz de porta-voz da esperança de novos tempos.[...] Nesta tríade – gênero, classe e etnia.

É através dessa tríade que os discurso das produções literárias possibilitam a inserção de novas representações identitárias, que antes se configurava como um espaço de privilégios e exclusividades de grupos hegemônicos e dominantes passando a colaborar com novas possibilidades de diálogos suscitando reflexões sobre o convívio social, o cotidiano. É desse modo que assume também força política e representatividade que nutre fortemente a representação da mulher como aspecto fundamental em sua obra.

Somam-se ao extrato da obra literária de Conceição Evaristo e as inquietações que a mesma suscita os dados expressivos de pesquisa nacional, bem como as dimensões e efeitos das discriminações de gênero e raça, estabelecendo diálogos entre os documentos como os Mapas da Violência 2012 - Homicídios de mulheres no Brasil, Progresso de mulheres no Brasil – 2003 -2010, Lei 11.340/2006, Dossiê Mulheres Negras – 2012, Convenção de Belém do Pará, os quais chamamos aqui de arquivos público, recorrendo, para sua elucidação, a suportes da crítica literária, da crítica cultural e a aspectos fundamentais da escrita literária feminina e negra.

Ao longo dos dois primeiros semestres os questionamentos ampliaram-se e deram vazão aos desalinhos, as dúvidas, mas, também a novos horizontes os quais corroboram para ampliação das discussões e do referencial bibliográfico, a fim de fazer avançar nas leituras, possibilitar o

desenvolvimento do texto dissertativo buscando compreender como a literatura pode se constituir como um campo de debates.

REFERÊNCIAS

BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jacqueline (Org.). *O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010*. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

BONNICI, Thomas. Aspectos da teoria pós-colonial/ Temas avançados da teoria pós-colonial/ A literatura brasileira é pós-colonial? In: *O pós-colonialismo e a literatura. Estratégias de leitura*. Maringá: EDUEM, 2012, p. 17-53; p. 55-77; p. 319-335.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: EDUEM, 2007.

BRASIL (2006). *Lei 11.340 de 07/08/2006 – Lei Maria da Penha*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 10 de Julho, 2014.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: *Seminário Internacional sobre Racismo, Xenofobia e Gênero - Anais*. Durban, Ago/ 2001.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

Cartilha: Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica. Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos– FNEDH, Brasília, 2006.

CASTRO, Regina de e ROCHA, Luciane O. A questão da violência doméstica e as mulheres negras. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Cartilha Violência Doméstica - Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica*. Brasília: Brasília: Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos. 2006. p. 12 e 13.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v. 2 e 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo*. Disponível em: <http://nossaescrivencia.blogspot.com.br/search/label/apresentacao> Acesso em 12 de Outubro, 2014.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe; um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira*. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em 12 de Outubro, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

HANCHARD, Michael George. Negação e Contestação. In: *Orfeu e o Poder: Movimento negro no Rio e São Paulo*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 97-165.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. *Intelectuais negras. Estudos Feministas*. Ano 3, n 2. Rio de Janeiro, 1995.

RICHARD, Nelly. A escrita tem sexo? In: *Intervenções críticas. Arte, Cultura, Gênero e Política*. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

SEGATO, Rita. *Que és un feminicídio. Notas para un debate emergente*. Série Antropologia, 401. Brasília-DF: Universidade de Brasília, 2006.

